

O IV CONGRESSO OPERÁRIO GAÚCHO E O OCASO DO MOVIMENTO ANARQUISTA NO RIO GRANDE DO SUL

Beatriz Ana LONER*

Resumo: Este artigo trata da organização libertária no Estado do Rio Grande do Sul, Brasil, durante a década de 1920, com especial atenção ao esclarecimento das condições de realização do Quarto Congresso operário estadual, no ano de 1928, Congresso este cuja efetivação foi cercada de muitas dúvidas. Assim, avalia-se sua contribuição ao desenvolvimento da corrente libertária no sul e discute-se, também, as formas e o contexto da participação anarquista no estado gaúcho, na década de 1920, e as razões de seu rápido declínio no final daquela década, atribuindo as causas à mudança de orientação da corrente, expressa naquele encontro, e a excepcional conjuntura política gaúcha.

Palavras-chave: Anarquismo. IV Congresso gaúcho. Correntes libertárias. Movimento operário.

THE IV GAUCHO LABOUR CONGRESS AND THE SUNSET OF THE ANARCHIST MOVEMENT OF RIO GRANDE DO SUL

Abstract: This paper deals with the libertarian organization in Rio Grande do Sul state, Brazil, during the decade of the 1920s, with special attention to the clarification of the conditions in which the labour's IV Congress was held in 1928, as there was no certainty of it being held at the time. It evaluates the contribution to the development of the libertarian movement in the south. It also discusses the context of the anarchist participation in the Gaúcho state in the 20s, the reasons for its quick decline at the end of the decade due to the shift in the movement's orientation, expressed at that meeting, and to the exceptional Gaúcho political circumstances.

Keywords: Anarchism. IV Congress Gaúcho. Libertarian tendencies. Labour movement.

Este artigo pretende analisar a atuação dos libertários no movimento operário sul-rio-grandense na década de 1920, suas potencialidades em termos de trabalho político, bem como sua escolha, que se acentua, a partir de então, pela ação cultural e não mais sindical. O ponto de partida foi uma investigação, feita há cerca de 10 anos, sobre a realização do

* Professora Doutora - Departamento de História e Programa de Pós Graduação em História - Instituto de Ciências Humanas - Universidade Federal de Pelotas, Campus das Ciências Humanas - Rua Coronel Alberto Rosa, 154, CEP: 96010-770, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: bialoner@yahoo.com.br

Quarto Congresso Operário gaúcho, ocorrido em janeiro de 1928, na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul. Na historiografia gaúcha havia dúvidas sobre a realização do 4º Congresso Operário Rio-grandense, de tendência anarquista. A existência de uma única fonte, a falta de uma data e um local exato de sua realização, relatos contraditórios sobre sua ocorrência, seu conteúdo e delegados participantes, tudo conspirava para que se questionasse sua efetiva existência.

Frederico Kniestedt (1989, p.142) havia confirmado a realização de um “congresso de sindicatos” de 16 a 18 de janeiro de 1927, em Pelotas. Edgar Rodrigues (1979 e 1988) também afirmava a existência do Congresso, mas sem citar data e local e anotava a participação de vários militantes de São Paulo e Rio de Janeiro. Contudo, ao relatar suas conclusões, apresentava conteúdo bem diferenciado do relato de Kniestedt.

Na pesquisa, foram encontrados indícios da realização de uma reunião de delegados da Federação Operária do Rio Grande do Sul (FORGS), em Pelotas, em data de 9 de janeiro de 1927, portanto, próxima ao relato de Kniestedt. Estes indícios constavam de atas da diretoria da Sociedade União Operária de Rio Grande que faziam menção à realização de uma reunião sindical em Pelotas¹. Em *O Sindicalista*, órgão da Federação Operária do Rio Grande do Sul, foram encontradas algumas informações mais seguras. Na edição de fevereiro de 1927, o jornal trazia a descrição de um encontro de delegados em Pelotas, nos dias 9 e 10 de janeiro de 1927, referendando o relato de Kniestedt. O relato, porém, aduzia que essa reunião terminou *convocando* um Congresso para o final do ano, portanto, se deduz que aquele não era o Congresso, tratava-se apenas uma reunião preliminar. Poucos números adiante, o jornal esclarecia a questão: o Congresso, convocado inicialmente para 11 de novembro de 1927, teria sido adiado para janeiro de 1928, sempre na cidade de Pelotas. (PRIMEIRA..., nº7, 15/11/1927).

Com a nova referência de data, 1º de janeiro de 1928, foi possível encontrar notícias sobre o Congresso, nos jornais diários da cidade de Pelotas:

Começaram ontem na Liga Operária as reuniões do proletariado de várias cidades do estado para tratar de interesses da classe. Acham-se presentes às reuniões permanentes os delegados de Uruguaiana, Bagé, Porto Alegre, Rio Grande, Capão do Leão, D. Pedrito e Vila Petrópolis, representando o sr. Domingos Passos as associações do Rio de Janeiro e Santos (canteiros), São Paulo e Pará. (CONGRESSO..., 03/01/1928, p.3).

Na mesma notícia, o jornal adenda que foi convidado a cobrir o encontro, demonstrando seu caráter legal e de domínio público, pois, tanto este periódico diário quanto outro da cidade noticiaram o encontro. Depois de sua realização, saiu uma espécie de *press-release*, com suas principais realizações, como pode ser visto abaixo:

4º Congresso Operário do Rio Grande do Sul

Conforme estava anunciado, realizou-se na sede da Liga Operária, durante os dias 2 e 3 do corrente, o 4º Congresso Operário do Rio Grande do Sul, tendo a ele assistido delegações das Federações Operárias de Bagé e Porto Alegre, e das associações operárias de Uruguaiana, Alegrete, Cacequy, Rio Grande, S. Gabriel, Capão do Leão, Tristeza (P.A) e das organizações existentes nesta cidade, perfazendo um total de 20 delegados, representando outros tantos organismos, inclusive vários centros de cultura libertária, imprensa operária e libertária.

A este congresso compareceu também o secretário da Comissão Executiva do 3º Congresso Operário Brasileiro, com representação direta das organizações do Pará e São Paulo. Devemos salientar que, dando uma demonstração de espírito liberal e cultura ácrata, os trabalhos do Congresso foram levados a efeito com o auxílio de um secretário e um redator, sendo dispensado o lugar de presidente.

As teses de maior importância tratadas nesse certame foram as que se relacionaram com a organização da Confederação Operária Brasileira; a publicação do respectivo órgão 'A Voz do Trabalhador', tendo sido a respeito tomadas deliberações para o melhor êxito dessas iniciativas.

Resolveu-se também promover uma ação permanente de propaganda e organização das classes trabalhadoras deste Estado.

O Congresso reafirma as tendências francamente libertárias da organização, por serem as que mais se coadunam com o progresso da humanidade [...]

Os trabalhos decorreram na maior harmonia e entusiasmo.

Volta, amanhã, para São Paulo, o sr. Domingos Passos, que veio a Pelotas a fim de representar o operariado do Rio de Janeiro, São Paulo e Santos e Pará (4º CONGRESSO..., 5/1/1928, p.2).

Assim, a investigação foi concluída. O Congresso existiu, aconteceu em Pelotas, em 2 e 3 de janeiro de 1928 e foi precedido de uma reunião preparatória um ano antes, também em janeiro, na mesma cidade. Contudo, ao longo desta pesquisa, outras questões surgiram, entre as quais se destacam: Qual o sentido daquele congresso, pequeno e insignificante em termos de representação sindical, para o movimento operário rio-grandense? E para os próprios libertários, que ainda mantinham alguma atuação no estado gaúcho, que contribuições o Congresso trouxe?

Para além destas questões, o episódio conjunto do congresso e sua reunião preparatória constituem um bom exemplo das diferenças entre os grupos libertários e dos impasses que estavam colocados para os militantes no extremo sul. A situação de crise de uma corrente sindical pode nos levar mais próximos de entender as nuances de um movimento e as difíceis escolhas que se apresentavam para os libertários, divididos entre o compromisso e a fé em suas ideias e os duros fatos da vida, entre eles, a sua própria situação de vida e as possibilidades de uma sobrevivência digna. A história dos *de baixo* também deve analisar estes becos e posições sem saída dos militantes, para não se escrever apenas a história dos vencedores entre os vencidos (HOBBSAWM, 1987).

Os libertários e a conjuntura dos anos 20 no estado gaúcho

Nos anos 20, os militantes libertários passaram por um momento de dissensões internas, provocado pelo surgimento do comunismo e sua ação corrosiva entre os próprios quadros anarquistas. Dilacerados pela luta interna, também não conseguiram fazer frente à repressão do Estado e dos patrões, que se intensificou no governo Arthur Bernardes, no qual centenas de militantes anarquistas foram presos e deportados para o exílio ou para campos de concentração no norte do país, dos quais a maioria não voltou², ou, se retornou, foi para morrer pouco depois devido às moléstias contraídas. Essa repressão destruidora, justificada pelo estado de sítio, intensificou-se depois da revolta tenentista de 1924 e durou até o final do governo Bernardes. Segundo Rodrigues (1988, p. 279), no governo Washington Luís, já sem o estado de sítio, os anarquistas tentaram se reorganizar em São Paulo e Rio, Estados mais atingidos, enfrentando, concomitantemente, a ação da polícia e dos comunistas no seio do movimento.

Enquanto isso ocorria no restante do Brasil, no Rio Grande do Sul a repressão menor permitiu a continuidade da organização libertária e até a realização de Congressos regionais. Petersen (1991-92, p. 127) destaca a continuidade da presença anarquista no estado gaúcho na década de 20, comparativamente a outras regiões do país, embora ressalte seu declínio e sua reorientação para a ação cultural, que passou por uma fase excepcional com a publicação da *Revista Liberal* (1921-1923). Em Porto Alegre, houve a criação da Sociedade Pró Ensino Racionalista (1923) e fundaram-se grupos de Livre Pensamento e jornais anarquistas. A continuidade da Federação Operária do Rio Grande do Sul (FORGS) também foi mantida, embora de modo precário.

Ironicamente, foi nessa década que se realizaram a maioria dos congressos com hegemonia anarco-sindicalista no Estado (1920 - 1925 - 1928), talvez exatamente como reflexo das necessidades de discussão e reorientação do movimento. Uma rápida análise de seu número de participantes, representação e duração, já pode nos dizer algo a respeito da dinâmica do movimento, particularmente em Porto Alegre.

O Congresso Operário de 1920 realizou-se em Porto Alegre, durou cinco dias, e contou com representantes de 30 associações operárias, das quais algumas se constituíam de federações ou uniões gerais de trabalhadores. Esse Congresso manteve a hegemonia ácrata, mas se percebia certa confusão a respeito da revolução russa de 1917 e das propostas bolcheviques, cujas posições não eram plenamente compreendidas pelos libertários como diferenciadas das suas próprias. Este evento realizou-se um mês antes do congresso nacional no Rio de Janeiro, que contou com regular participação dos militantes e entidades do estado gaúcho.

O 3º Congresso, em 1925, também em Porto Alegre, durou seis dias, reuniu 20 associações e cerca de 27 delegados. A tentativa de participação de militantes de outras correntes foi inibida pelo próprio Congresso, que se definiu pela não-participação de

elementos vinculados a partidos políticos e pela reafirmação da aderência da FORGS à Associação Internacional de Trabalhadores (AIT)³. Nesse Congresso, Porto Alegre teve a maior representação, com cerca de 17 delegados, mas eles representavam apenas sete sindicatos, além da Federação Operária Local e dois periódicos: *O Sindicalista* da FORGS (Federação Operária do Rio Grande do Sul) e *Der Freie Arbeiter*, jornal libertário publicado em alemão, além do Comitê Pró-Presos. Naquele momento, a luta pela libertação dos presos sociais era uma das principais frentes de batalha da FORGS, o que é compreensível, dada a violenta repressão que enfrentavam nacionalmente e o descenso do movimento sindical.

Dois anos depois, todavia, na reunião de delegados ocorrida em Pelotas, em janeiro de 1927, entre 18 delegados, Porto Alegre contava com apenas dois representantes. Enquanto isso, a cidade sede do encontro possuía nove e Bagé, proporcionalmente tão distante de Pelotas quanto Porto Alegre, estava presente com quatro delegados. No 4º Congresso, um ano depois, Porto Alegre teve pequena delegação: apenas dois sindicatos e a Federação Operária local, o Grupo Cultural Braço e Cérebro e pelo menos um jornal⁴. A pequena representação porto-alegrense refletia o desgaste do projeto anarquista na cidade, especialmente em sua atuação sindicalista.

Durante essa década, os vários grupos em que se dividiam os libertários no Brasil foram aprofundando suas críticas em relação ao sindicalismo, esforçando-se na criação de grupos de livre pensamento ou de estudos, participando de associações diversas como Ligas Anticlericais, o estudo do Esperanto, entidades contra bebidas alcoólicas, etc. Muitos seriam os jornais de cunho libertário lançados durante aqueles anos, mas a própria dispersão dos quadros e das propostas deixa clara uma descontinuidade em seu trabalho, o que se reflete no seu crescente isolamento e, conseqüentemente, sua fragilidade política.

Quanto à atuação no movimento operário, esta ocorria de forma muito pouco efetiva para o final da década. No Congresso de 1928, foi citado diretamente o caso de Porto Alegre, local em que, apesar de existir uma Federação Operária, a única entidade que cumpriria sua função seria o Sindicato dos Canteiros. Na verdade, tanto a Federação Operária do Estado, quanto as demais entidades centrais estavam muito mais envolvidas com campanhas como aquela pró Sacco e Vanzetti, para a qual a Federação local de Porto Alegre havia realizado mais de 30 reuniões públicas. Seu trabalho sindical enfrentava o marasmo, resultado combinado da repressão policial, do esgotamento da proposta no meio sindical e da falta de militantes para levar avante os trabalhos, pois os novos elementos se sentiam atraídos por outras propostas e os antigos estavam se retirando da militância. Com o peso dos anos e da dura vida que levavam, a própria condição de vida e saúde dos militantes ácratas sinalizava fortemente contra a manutenção das atividades sindicais no mesmo patamar de anos anteriores.

A atração de outras correntes

Mais importante em seu declínio, foi a atuação dos comunistas e sua repercussão no meio operário. Desde 1925, sua presença era notada no movimento porto-alegrense quando promoveram um Primeiro de Maio em teatro da capital, por meio da União dos Ofícios Vários. Seu avanço foi lento, mas constante, provavelmente favorecido pelo “recuo dos anarquistas no sindicalismo e a negação da FORGS em promover greves em um ano de carestia como foi 1925” (PEIXOTO, 2006, p. 65).

O BOC (Bloco Operário e Camponês) foi criado em fins de abril de 1928 e durante o primeiro semestre de 1929 implantou a Confederação Regional do Trabalho do RS, com sede em Porto Alegre. Estava em pleno trabalho de organização de sindicatos na capital, principalmente entre trabalhadores em hotéis, bares e restaurantes; metalurgia e construção naval; gráficos, trabalhadores em vidros e louças; operários em indústria moveleira e da construção civil. Além disso, liderou greve de trabalhadores em engenho de arroz e promoveu comícios em bairros a favor do Bloco Operário e Camponês (COLUNA..., dias 11, 21, 23 de maio e 1 e 29 de junho de 1929, p.1).

A importância desse trabalho e da capacidade de mobilização comunista pode ser aferida pela realização de um ato, em praça pública, promovido pelo Comitê de Ação em Defesa dos Gráficos Paulistas em Greve. Essa manifestação começou com uma passeata, percorrendo e paralisando as fábricas (Sul América, tecidos Renner, Rio Guahyba, Fiação e Tecidos Porto Alegrense, fábrica de móveis Gerdau), levando seus operários incorporados (cerca de 2.000, segundo o jornal) para a praça, local do ato público, onde já estavam centenas de mulheres vindas a pé até o centro da cidade. No comício, falaram quase que exclusivamente militantes comunistas (A OPINIÃO PÚBLICA 25/05/1929).

Já, anteriormente, os anarquistas tiveram que fazer frente a tentativas de cooptação do operariado por partidos políticos, como no episódio da Revolução de 1923 e seus desdobramentos. Nas eleições de 1922 e durante o conflito de 1923, houve certa polarização de setores do movimento entre os dois inimigos em luta, mas foi no decorrer das disputas eleitorais do ano de 1924 (eleições proporcionais) que a arregimentação de operários pelos dois grupos políticos tradicionais gaúchos mais se acirrou (LONER, 2002).

Por parte do Partido Republicano Rio-grandense ocorreu a fundação da Liga dos Operários Republicanos, em dezembro de 1923, a qual contava com lideranças expressivas do movimento e se propunha apenas a concorrer a eleições proporcionais, o que deixava claro seu caráter de partido auxiliar, carreando votos para os grupos oligárquicos. Essa Liga representou uma das grandes ameaças ao trabalho dos anarquistas em Porto Alegre, em relação ao movimento operário (PETERSEN; LUCAS, 1992, p. 285). Em Santa Maria, fundou-se, na própria sede da Junta Republicana de Alistamento, o Centro Republicano

Operário "que tem por fim agremiar os trabalhadores para tomar parte ativa nas lutas políticas e pugnar pelas suas aspirações" (DIÁRIO POPULAR, 23/02/1924).

Quanto à Aliança Libertadora, criada em janeiro de 1924 e comportando várias tendências, houve ainda maior investimento na área do operariado, o que se justifica, em termos políticos, devido ao acordo de Pedras Altas, em que se garantiu a oposição libertadora um quinhão maior na representação política do Estado. Como exemplo da sua articulação no setor operário, ocorreu, em Porto Alegre a criação de um Centro Político dos Operários Livres⁵ em reunião no Centro Democrata (FUNDAÇÃO..., 08/02/1924, p.1), esta última uma agremiação libertadora.

Em Pelotas e Rio Grande, as ligações mais fortes de setores do operariado, alguns deles ex-lideranças anarquistas, como Cidálio Pinheiro de Lemos⁶, dar-se-iam com os assististas ou libertadores ainda no decurso da Revolução de 23, consolidando-se, posteriormente, com a criação de partidos operários nas duas cidades, que contaram com o beneplácito dos jornais libertadores, naquele momento *O Libertador* e *A Opinião Pública*⁷. Surgiram, então, o partido Trabalhista Independente (PTI) (Pelotas, 10/02/1924); Rio Grande (24/05/1924) e o Partido Operário Moderado (20/02/1924) em Pelotas. Há indícios de tentativa de uso político do 1º de maio neste ano, em Rio Grande, com um comício promovido por uma certa Aliança Democrática Operária, cuja direção competia a Cidálio de Lemos.

Não se pense, entretanto, que o Partido Trabalhista Independente representasse um mero órgão auxiliar, ou "braço sindical" dos Libertadores. É verdade que os jornais *O Libertador* e *A Opinião Pública* intensificaram elogios à sua criação e que os dois partidos teriam lideranças simpatizantes do federalismo em suas direções, no entanto, sua criação coincidiu, em parte, com o surgimento de um Partido Trabalhista em Porto Alegre (1925) e, especialmente, com a formação do Partido Trabalhista Brasileiro no Rio de Janeiro (1924), indicando um movimento trabalhista de maiores proporções. O partido pelotense correspondia-se com o Partido Trabalhista inglês e reivindicava-se constituído segundo os mesmos estatutos de partido congênere do Rio de Janeiro. Porto Alegre sediou outro Partido Trabalhista em 1928, parecendo haver certa continuidade em suas direções.

Ou seja, ao revitalizar-se o espaço de disputa eleitoral em todo o país, surgiram também novas propostas que pretendiam agregar os trabalhadores, em conjunto com outras forças ou de forma isolada, embora se remetendo a outros modelos. No Rio, o Partido Trabalhista, surgido em 1928, também se reivindicava estruturado segundo o modelo do partido inglês e a proposta de criação destes partidos parece ter sido nacional (CARONE, 1984; GOMES, 1988). Assim, a década de 1920 viu o reaparecimento de várias propostas de formação de partidos que se apresentavam como operários, com variado grau de compromisso com o socialismo, ou vinculados às propostas oligárquicas que preencheram o

espaço político do Estado, marcadamente a partir das eleições de 1923 até a formação da Frente Única, em 1929 (LONER, 2002).

Havia, especialmente por parte do governo, medo de que o movimento operário fosse manipulado de forma a terminar, mesmo que indiretamente, favorecendo seus adversários. Assim, a greve de operários diaristas do Porto Novo de Rio Grande, ocorrida poucos dias antes das eleições, foi rapidamente encerrada com a satisfação das reivindicações dos grevistas, em intervenção direta do governo estadual e líderes republicanos rio-grandinos (PAREDE..., 01/05/1924, p.1). Por outro lado, os jornais oposicionistas também tinham medo das manobras governistas. Segundo denúncia de seus adversários, cerca de 500 operários, vindos de Santa Catarina para trabalhar na reconstrução de vias férreas na região serrana, teriam sido despedidos, por não aceitar qualificarem-se como eleitores republicanos (OPERÁRIOS..., 12/04/1924, p.1). *A Última Hora*, de Porto Alegre, trazia, em março de 1924, denúncia de que os borgistas queriam promover greve do operariado local para que a Brigada Militar saísse às ruas no dia das eleições (UM PLANO..., 15/03/1924, p.2).

Essas tentativas de arregimentação partidária dos trabalhadores, contudo, refluíram no segundo semestre de 1924 com a acentuação da instabilidade política nacional interferindo no estado gaúcho, convulsionado por revoltas militares e civis que terminou com o estabelecimento de censura aos jornais oposicionistas e outras medidas de exceção.

A situação diferenciada da luta política no estado

No interior, o movimento operário esteve mais longamente em mãos dos anarquistas, consolidando-se a influência comunista somente ao final da década. Nas duas maiores cidades do interior, Pelotas e Rio Grande, eles se mantiveram de modo constante e estável nas entidades vinculadas ao porto, nas pedreiras e construção civil, e em Rio Grande esta influência estendeu-se à década seguinte, especialmente no trabalho portuário. Assim, em julho de 1929, o jornal anarquista *A Luta*, de Porto Alegre, denunciava a interferência daninha dos comunistas no trabalho desenvolvido pela sindicalista União Marítima, entidade com matriz em Rio Grande e filial em Porto Alegre.

Por seu lado, a União Geral dos Trabalhadores de Rio Grande, nascida em 1918, iria transformar-se na Federação Operária dos anos 20 e existiria pelo menos até 1927, participando da reunião de delegados em Pelotas, embora não do Quarto Congresso. A partir de 1925 houve, também, uma influência dos libertários na condução da União Operária de Rio Grande, que modificou seu estatuto, transformando-se numa sociedade com sentido educacional e cultural amplo, deixando as funções de representação de classe para a Federação Operária rio-grandina, a qual, entretanto, pouco atuaria no restante da

década, tendo se desarticulado em fins de 1927. Dessa forma, fechou-se a cisão entre as entidades rio-grandinas e a União Operária reconquistou seu papel de nucleadora do movimento operário na cidade.

Em Pelotas, a Liga Operária, transmutada em organização central dos anarquistas pelotenses, a partir de 1913, iria incentivar e nuclear várias entidades de cunho libertário e sindical, constituindo-se num elemento central da vida operária da cidade. Na década de 1920, a Liga Operária manteve-se em mãos dos anarquistas, mas com a crise do movimento perdeu muito de seu potencial organizativo. O trabalho dos libertários centrou-se, então, mais no desenvolvimento de grupos de Livre Pensamento e na atuação em ligas anticlericais. Ligados à Liga Operária apareceram dois jornais: *O Proletário* (1924) e *Cultura Proletária* - órgão do grupo de Propaganda Social de Pelotas (1927 e 1929).

Em 1925, no 3º Congresso Operário gaúcho, participaram a Liga Operária e quatro sindicatos vindos de Pelotas. Em 1927, na reunião de delegados, que ocorreu na própria cidade, estavam representadas, além da Liga, cinco sindicatos. Em 1928, foi possível identificar, no 4º Congresso, delegados da Liga Operária, do Sindicato dos canteiros de Capão do Leão e do Sindicato dos Estivadores de Pelotas. Este último continuou em mãos dos libertários, pois, em 1929, estava lançando o jornal *Porvir* e comandava a greve dos estivadores (COLUNA..., 22/10/1929, p.4; e AINDA..., 21/11/1929, p.4).

Esta ativa prática sindical dos estivadores, entretanto, contrastava com a realidade pelotense, pois já em janeiro de 1928, ao mesmo tempo em que a Liga sediava o 4º Congresso Operário Rio-Grandense, o movimento real dos trabalhadores na cidade estava passando por fora dela, com a criação da Federação Operária pelos comunistas naquele mesmo ano, a qual trouxe uma explosão organizativa em termos de sindicatos e entidades de esquerda na cidade, dentro da orientação comunista. A organização sindical passaria a ser feita por meio da Federação do Trabalho, sendo desenvolvidas organizações específicas de mulheres e jovens, a Liga Anti-imperialista, o Comitê de Defesa da Imprensa Proletária e núcleos do Bloco Operário e Camponês. Em 1929, uma greve de trabalhadores de serviços, como rodoviários, verdureiros e leiteiros, contra a criação de um imposto rodoviário, englobou Bagé, Pelotas e Rio Grande, provocando a intervenção policial e exigindo o posicionamento de todas as correntes que se expressavam entre os trabalhadores quanto à condução do movimento⁸.

Em 1933, devido à disputa pelo seu prédio com a Frente Sindicalista, a Liga foi invadida e sua diretoria presa e conduzida a Porto Alegre, sob acusação de subversão (leia-se: anarquismo). Pelos documentos apreendidos, sabe-se que naquele momento ela era uma das poucas entidades brasileiras⁹ filiada à Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT). Presos durante oito dias, seus dirigentes, inocentados, reassumiriam o controle da Liga, expulsando judicialmente seus opositores que os denunciaram para ter controle do

prédio. Contudo, ela não teve mais participação expressiva no movimento até seu fechamento em 1936/37.

De outras cidades também se teve notícias das atividades de elementos libertários, notadamente na fronteira com o Uruguai ou a Argentina, aglutinando-se ao redor de União de Ofícios vários, devido à debilidade do processo industrial nestas regiões. Em alguns locais, os libertários se agrupavam ao redor de um jornal ou uma associação de livre pensamento, especialmente no final da década de 1920. Bagé e Uruguaiana sediavam os núcleos anarquistas mais expressivos, com Bagé recebendo a sede da FORGS (Federação Operária do Rio Grande do Sul) em 1927, devido à consistência de sua nucleação.

A relação das entidades afiliadas a AIT, em 1933 (conforme a nota 9), repõe a questão do caráter interiorano e gaúcho das organizações anarquistas no final dos anos 20 e início da década seguinte, no Brasil. Pode-se argumentar que um dos motivos dessa situação seria a pujança do movimento anarquista nos países do Prata e suas influências na região. Na realidade, o movimento anarquista argentino manteve-se ativo por muito mais tempo do que no Brasil. Veja-se o insuspeito depoimento de Jules Humbert-Boz, delegado do Komintern na Conferência Comunista de Buenos Aires em 1929, sobre a situação do movimento operário na Argentina: "os movimentos e greves que se produzem atualmente estão nas mãos e sob a direção dos anarquistas da FORA (Federação Operária Regional Argentina); isto se deve, em grande parte, a que nosso partido é lento em seu trabalho, carente de contatos com as massas e tardio na iniciativa para a luta"¹⁰.

Necessário torna-se, ainda, analisar os motivos que faziam com que o Rio Grande do Sul fosse um lugar relativamente seguro para anarquistas ou militantes operários em geral. No interior, desde que mantendo uma atuação discreta, tinham uma razoável liberdade de ação, ou seja, eram deixados em paz pela polícia, exceto se esta recebesse uma denúncia pontual sobre sua atuação.

O maior espaço para a liberdade de pensamento e de organização no RS como um todo, talvez esteja ligado às raízes da cultura política local. Assim, a clara divisão entre republicanos e federalistas deixou espaço para que, à sombra de um ou de outro, vicejassem elementos que não estivessem comprometidos com a briga entre os dois (LONER, 2001). A proximidade entre federalistas e operários, consubstanciou-se em Pelotas por meio dos jornais *A Reação* e *O Libertador*, que frequentemente abriam espaço para queixas de operários. Especialmente o jornal *O Rebate* teve colunas mais ou menos permanentes sobre movimento operário, além das "notas subversivas", assinadas por Santos Barbosa, que funcionaram como espaços para a propaganda libertária.

As tentativas de cooptação de militantes operários pelo Partido Republicano Rio-Grandense, na década de 20, levam à suposição de que a busca de alianças com a classe trabalhadora – vista como elemento de apoio em sua luta pela manutenção do poder no

Estado – resultara em políticas mais brandas para esses setores, na medida em que a ação dos militantes libertários não chegava a ameaçar significativamente o poder no Estado, dada sua fragilidade e atuação restrita ao meio urbano e aos operários. Assim, quando de sua atuação resultavam problemas, a repressão, se havia, era restrita apenas àquela região, estabelecimento ou sindicato. Por outro lado, o fato de que muitos dos sindicalistas revolucionários repudiavam a participação eleitoral permitia que os setores oligárquicos pudessem colher votos no setor operário, pois as campanhas pelo voto nulo levadas pelos primeiros, não conseguiam criar raízes no meio do operariado gaúcho.

Observe-se que, diverso seria o procedimento em relação aos comunistas, na conjuntura de 1929/30: naquele momento, participando de uma grande frente pró Getúlio, os dois partidos oligárquicos não tiveram contemplação com os comunistas quando eles não aceitaram participar do apoio a Getúlio e decidiram lançar candidatos próprios¹¹, o que determinou uma dura repressão contra o movimento operário e a completa destruição do trabalho sindical e político comunista, ainda antes das eleições, em janeiro/fevereiro de 1930, tanto na capital quanto no interior do Estado. Até mesmo a ação repressiva desencadeada pelo governo estadual encontrou apoio, em Pelotas, do jornal *O Libertador*, que incorreria na velha denúncia da subversão e do radicalismo do movimento, como justificativa para a repressão.

Portanto, a decantada situação de maior liberdade no sul para a proposta libertária, ironicamente relaciona-se, justamente a uma delicada conjuntura político-eleitoral da região que perdurou durante boa parte da década. No Estado gaúcho havia uma oposição política constante contra o governo estadual e ambos os lados necessitavam do respaldo da população. Com a elite dividida, seria contraproducente para os governistas propiciar mais argumentos aos seus opositores, pelo que a repressão possuía um caráter seletivo e pontual, como já visto. Para os libertadores, a situação era ainda mais favorável, pois eles poderiam apoiar os trabalhadores urbanos sem que isso implicasse em problemas com sua própria base eleitoral, que estava situada no campo. Dessa forma, contrariamente ao centro do país, em que os anarquistas foram profundamente reprimidos e perseguidos, enviados para o exílio interno ou sujeitos à deportação. Em Porto Alegre, quando de algum movimento mais forte do proletariado, a polícia reprimia o fato, porém se limitava a prender ‘os de sempre’ em momentos de conflito, liberando-os depois. O maior exemplo desta situação é dado por Kniestedt, militante anarquista alemão, residente na capital, que em suas memórias detalha exemplos de prisões ‘de costume’ que sofreu. Mas ele mesmo reconhece a diferença da situação gaúcha em relação aos demais locais, o que permitiu o desenvolvimento da campanha a favor dos presos sociais no sul:

Em São Paulo e no Rio, a situação na época era muito difícil, quase todas as organizações operárias foram dissolvidas e os membros mais destacados enviados para a colônia penal do Oiapoque. “Aqui no Rio Grande do Sul não sentíamos nada disto, a FORGS assumiu a defesa e designou os advogados: naturalmente eu como tesoureiro tive de juntar o dinheiro necessário, o que não era uma tarefa fácil”..(GERTZ, 1989, p.141).

A reunião preparatória de Pelotas

A historiografia mais recente trouxe novas definições das correntes que formavam o amplo bloco do que, costumeiramente, se denominou anarquismo. Para Walt e Schmidt, o anarquismo comporta um amplo leque de possibilidades, entre o que chamam de *insurrectionist anarchism* e *mass anarchism*. Entre estes últimos, os que acreditam que só o movimento de massas poderá fazer a revolução, os autores conferem um importante papel ao sindicalismo “Sindicalism is a powerfull expression of the mass anarchist perspective” (WALT; SCHMIDT, 2009, p.21), embora reconheçam que nem todos entre eles sejam a favor do trabalho nos sindicatos. Com tal enfoque, é válido reter as diferenciações entre estes últimos:

Some were supporters of syndicalism, but with reservations, usually around the “embryo hypothesis”: the view that union structures form an adequate basis for a postcapitalist society. There were other mass anarchists who were antisindicalist, for they did not believe unions could make a revolution. Here we see two main variants: those who rejected the workplace in favour of community struggles, and those who favoured workplace action with some independence from the unions. (WALT; SCHMIDT, 2009).

Para estes autores, a perspectiva sindicalista na visão anarquista pode aparecer em duas formas: a primeira, o anarco-sindicalismo; e a segunda, o sindicalismo revolucionário (WALT; SCHMIDT, 2009, p. 171). Os dois se assemelhavam em relação a formas de luta, desconfiança em relação a partidos políticos e a serem antiestatais, bem como ao papel reservado às associações na estruturação da sociedade futura. A diferenciação seria que, enquanto o anarco-sindicalismo pressupõe uma aceitação mais aberta dos princípios anarquistas, o sindicalismo revolucionário não teria explicitamente vinculação com estas ideias e se colocaria como politicamente neutro em relação às correntes políticas:

Anarcho syndicalism is a term best reserved for the revolutionary unionism that is openly and consciously anarchist in origins, orientation, and aims. [...]

Revolutionary syndicalism, on the other hand, is a term best reserved for the syndicalism variant that for a range of reasons, did not explicitly link to the anarchist tradition, and was unaware of, ignored, or downplayed its anarchist

ancestry. It is typical of revolutionary syndicalist currents to deny any alignment to particular political groupings or philosophies – to claim to be “apolitical” notwithstanding the radical politics that they embody. (WALT; SCHMIDT, 2009, p.142).

De acordo com estas definições, portanto, pode-se afirmar que, no Brasil da Primeira República, as associações operárias com influência anarquista seriam melhor alinhadas sob o termo sindicalista-revolucionário. Afinal, nota-se que, nas entidades com influência anarquista militavam operários que não necessariamente eram dessa corrente e a questão do apoliticismo em relação a qualquer corrente ideológica era uma questão central nas práticas sindicais. Os libertários mais frequentemente organizavam um grupo próprio, que atuava junto ao sindicato/união e compartilhava parte de seus quadros, este sim de caráter plenamente anarquista.

Mesmo que os autores prefiram utilizar apenas a expressão *sindicalista* para se referir tanto a anarco-sindicalistas como a sindicalistas revolucionários, por considerarem que a abrangência do sindicalismo de origem anarquista foi muito vasta e ampla em todo o mundo, interessa aqui manter a distinção, pois é com base nela que o trabalho nos sindicatos será criticado no Quarto Congresso.

Edilene Toledo, entretanto, estudando o sindicalismo paulista, tendeu a ver o sindicalismo revolucionário como outra corrente, próxima, porém não identificada com o anarquismo, da qual se distanciaria porque este não concordaria com a ideia da luta de classes e do papel das entidades sindicais na construção da nova sociedade. A questão não seria apenas a prioridade à luta sindical, mas a colocação do sindicato como um modelo de agregação válido dentro do processo revolucionário social.

O novo do projeto sindicalista revolucionário, vale frisar, era essa tentativa de conciliar a luta para obter vantagens a curto prazo no quadro do sistema existente, com uma perspectiva a longo prazo de derrubar o capitalismo e instaurar um sistema de propriedade coletiva dos meios de produção, geridos pelos próprios trabalhadores, por meio dos sindicatos. Portanto, a função do sindicato era dupla: consistia, ao mesmo tempo em melhorar a condição operária e preparar sua emancipação futura, fundindo, dessa forma, luta política e econômica, o que implicava a recusa, a marginalização e o esvaziamento do papel do partido político. (TOLEDO, 2004, p.57).

Ainda segundo a autora, o sindicalismo revolucionário recebeu diversas críticas dos anarquistas exatamente pelo caráter econômico das lutas preconizadas, porquanto os anarquistas não teriam uma definição por uma determinada classe social, e procuravam salvar/transformar a todos, por meio da educação e da cultura (TOLEDO, 2004, p. 60).

Sabe-se que, na Argentina, a divisão entre anarquistas e sindicalistas revolucionários foi muito evidente e deu origem a práticas diferenciadas inclusive em termos de atividades

sindicais, quando não de entidades centrais (SANTILLAN, 2005). Contudo, não é este o caso que se observa no Brasil na maior parte da República Velha, período no qual sindicalistas e outros militantes de tendências libertárias atuaram juntos nos sindicatos e grêmios teatrais, nos jornais e outras atividades educacionais e culturais, cada um explorando um campo de atividade, mas entrando em acordo quanto à necessidade da manutenção de sindicatos nas suas mãos. Isso é explicitado, também, na reunião preparatória do Quarto Congresso, quando Sebastião Lamotte, sensibilizado pelos problemas enfrentados pelo periódico da FORGS, *O Sindicalista*, afirma que, mesmo não possuindo o ideal sindicalista, propunha-se a ajudar o jornal (SESSÃO..., nº2, 02/1927.).

A visão de Toledo, por conseguinte, é interessante exatamente por explicitar a origem das pesadas críticas que o sindicalismo recebeu naquela conjuntura do final dos anos 20, auxiliando a esclarecer o que estava em jogo na discussão sobre os rumos do movimento sindical apontada no Quarto Congresso gaúcho. Isso porque, como se verá, é exatamente a crítica do sindicalismo e uma proposta de nucleação por fora dele que vem à baila e que termina dividindo opiniões.

Foi neste contexto, de declínio lento do movimento anarquista e antes da efetiva hegemonia comunista no movimento operário, que aconteceu o 4º Congresso e sua reunião preparatória de 1927. Um dos motivos por que esteve oculto por tanto tempo foi as diferentes versões apresentadas sobre ele, objeto de diversos relatos, cada um atribuindo-lhe datas e significados variáveis. Para aclarar estas questões, propõe-se fazer uma espécie de investigação sumária sobre estas versões, tentando atingir um patamar mínimo de veracidade em suas distintas interpretações. Desse modo, privilegiar-se-á, quanto ao Congresso, o relato de Domingos Passos, apresentado por Edgar Rodrigues, em seu livro *Alvorada Operária*. Tudo indica que este relato foi feito em forma de relatório para as entidades das quais ele possuía representação, no próprio decorrer do Congresso, resumindo colocações e detendo-se, passo a passo, na descrição do mesmo. Assim, possui a vantagem de ser feito por um participante do encontro, no momento da realização, sem passar pelo filtro da memória e/ou dos acontecimentos posteriores. Além disso, se foi feita como relatório para outros grupos anarquistas, sua intenção deve ter sido a de manter-se o mais fiel possível aos acontecimentos, a fim de propiciar um correto entendimento do desenrolar do Congresso pelos grupos representados. Mesmo sabendo-se que a total fidelidade é impossível, ainda assim se constitui na melhor fonte disponível sobre o assunto.

Para seguir a cronologia, além disso, cumpre aclarar anteriormente a reunião de delegados de 1927. O primeiro relato sobre a reunião de 1927 é de Friedrich Kniestedt:

No ano de 1927, de 16 a 18 de janeiro, realizou-se sob minha direção em Pelotas um congresso de Sindicatos de Bagé, Rio Grande, Pelotas, Capão

do Leão, Porto Alegre, Caxias, Alegrete e Uruguaiana; ao todo, eram 18 delegados. Nesse congresso praticamente só foi abordado um tema: como enfrentar o trabalho maléfico dos agitadores bolchevistas? Havia a consciência de que a tolerância representaria a destruição do movimento sindical local. Após amplos debates, foram tomadas as devidas decisões. A evolução posterior mostrou que já era tarde. (GERTZ, 1989, p. 142,143).

Este é um verdadeiro relato *ex-post*. O autor, escrevendo anos mais tarde, embaralhou dados da memória quanto à data (foi em 9 e 10 de janeiro) e ao conteúdo da dita reunião, além de chamá-la de Congresso, o que confundiu os pesquisadores posteriormente. E também reduziu, em muito, o teor do encontro, colocando-o apenas preocupado com a influência comunista, embora se creia que esta deveria ser considerável, já que entre as “devidas decisões” tomadas no encontro, estava a retirada da FORGS da capital, Porto Alegre, em prol de cidades do interior em que teriam menor disputa com os comunistas.

O melhor relato é do jornal *O Sindicalista* de fevereiro de 1927, ano VIII, n.2, que traz a descrição do encontro de delegados, realizado em Pelotas dias 9 e 10 de janeiro de 1927¹², e suas deliberações. Este relato assevera que houve uma sessão preparatória, na qual foi discutido o caráter da reunião, se anarquista ou anarco-sindicalista, o que implicaria em exigir ou não credenciais dos delegados das entidades. A posição de Kniestedt foi que se exigisse a credencial, mas Sebastião Lamotte, Francisco Grecco e Antonio Piza, outros delegados influentes, consideraram esta uma reunião de camaradas conhecidos, que foram convidados em caráter não oficial. Grecco foi além, acrescentando não ter trazido credencial, mas que todos sabiam quem era e qual organismo representava. Não ficou clara a deliberação sobre esse ponto, mas o caráter de reconhecimento da posição libertária prevaleceu sobre a indicação de delegação, como se pode ver no tratamento dado ao delegado da União Operária de Rio Grande, o qual não foi reconhecido.

Essa situação aclara também a forma como se tentou montar uma delegação favorável aos anarquistas para este encontro. Assim, a Sociedade União Operária (SUO) de Rio Grande, que nunca teve orientação sindicalista revolucionária, recebeu um convite da Liga Operária de Pelotas para participar de um congresso de delegados da Federação Operária de Porto Alegre, a se realizar em Pelotas, dia 9 de janeiro de 1927, segundo suas atas. Ao mesmo tempo, a diretoria foi instada, por um abaixo assinado de sócios da entidade, no qual consta o nome do seu secretário geral na ocasião, sugerindo que o delegado para essa reunião fosse Luiz Gonçalves de Almeida, ex-sócio da SUO e morador de Pelotas há alguns anos. O presidente se opôs, por considerar que este antigo sócio não estaria a par das modificações havidas na entidade, o que tornaria difícil sua representação. Decidiram enviar Augusto Inácio da Silva (que já havia participado do 3º Congresso em 1925) e previram que, no caso em que ele não aceitasse a indicação, então se daria

delegação a Luiz Gonçalves de Almeida (Ata Diretoria 1125, 06/01/1927). Deve-se mencionar que os dois nomes indicados eram reconhecidos como anarquistas no movimento.

Na ata seguinte, soube-se que Augusto renunciou à delegação, mas o presidente não seguiu a deliberação da diretoria e decidiu enviar, por sua conta, o sócio Manoel Costa como representante da entidade. Este, ao retornar, relatou que não pôde tomar parte nas votações realizadas, a pretexto que a SUO não era uma entidade anarquista-sindicalista e que até foi desfeito na reunião. Em ata, o presidente manifestou sua surpresa com o acontecido e pelo procedimento que tiveram com o delegado, argumentado que todos sempre souberam que a SUO não era uma entidade anarco-sindicalista, especialmente a Liga, que a convidara. O episódio foi encerrado com a deliberação do envio de um ofício à Federação Operária de Porto Alegre, dando conta do ocorrido (Ata n. 1126, 18/01/1927).

Por este fato, é evidente que o convite a Sociedade União Operária era praticamente condicionado à participação de delegados de determinada corrente e não à entidade como um todo, o que reforça a ideia de que esta fosse uma reunião de velhos camaradas, embora o nome de Manuel Costa tenha sido incluído na relação de delegados do encontro. O quadro todo lembra uma comédia com cada ator representando seu papel. Assim, o convite teve o objetivo de fortalecer a nominata das entidades presentes, mas sem tirar o caráter de encontro libertário da reunião. Talvez até Luiz Gonçalves de Almeida estivesse envolvido nas discussões preparatórias à reunião, pois era do movimento pelotense na ocasião. O abaixo assinado contava também com o apoio do secretário da SUO, o que sinalizava uma garantia de que fosse aceito pela diretoria. De fato o foi, pois os dois nomes por ela indicados satisfaziam plenamente o critério de participantes comprometidos com o anarquismo.

Contudo, o presidente da entidade, provavelmente desconfiado da artimanha, levou a situação a um impasse quando deu delegação a outra pessoa, sem compromisso com o anarquismo (mas sim com a associação) para representá-la. Na reunião em que foi dado o relato, o presidente sequer explicou por que não fez o que a diretoria havia decidido – e o mais curioso é que isso também não lhe foi perguntado, o que nos deixa entrever que todos na reunião sabiam que estavam em uma situação delicada, que haviam esgarçado as relações entre as várias posições presentes na diretoria da entidade com esse episódio e que, portanto, para o bem de todos, era melhor não questionar mais nada. *Assim*, a saída em reclamar frente à Federação foi apenas um subterfúgio para encerrar o assunto.

Mas, voltando à reunião, os próprios critérios utilizados para a representação das entidades não eram nada claros, conforme se pode perceber da lista dos delegados:

Reduzindo Colmenero – Federação Operária Bagé; Cecílio dos Santos - Federação Operária Bagé; Sebastião Lamotte - Grupos Livres Pensadores; Antonio Piza - Grupo Livres Pensadores; Francisco Minho - S. de O. Vários (Uruguaiana); Frederico Kniestedt - S.F.R. do RS; F. Grecco - F.O. L. Porto Alegre; João Martins Oliveira - pelo Capão do Leão; José Moinho - União dos F. Arealense (trabalhadores em Faca); José Francisco - S. Estivadores de Pelotas; João Martins - S. da Construção Civil (Pelotas); Edmundo Lima - Liga Operária de Pelotas; Gaudêncio Pontes - Sindicato dos Marceneiros - Pelotas; João Colmo - Liga Operária Pelotas; João Peralta - Construção civil - Pelotas; Manoel Costa - SUO de Rio Grande; Vital Borges - Liga Operária Pelotas; Companheiro Tavares - Federação de Rio Grande. (SESSÃO..., n.2, 02/1927).

Por conseguinte, participaram três delegados pela Liga Operária de Pelotas, além de representantes de sindicatos da cidade – e, portanto, esses delegados da Liga não representavam os sindicatos. A desproporção das delegações regionais (Pelotas tinha a metade dos delegados) também confirma que foi muito mais uma reunião de militantes do movimento anarquista, do que um congresso de delegados, embora assim fosse tratado. Seguramente, havia também participantes não delegados, como o assim chamado ‘operário’ Manoel Gonçalves, que teve intervenção nos trabalhos, embora não pudesse votar¹³.

No número de *O Sindicalista* que relatou a reunião, há um depoimento sob o título “Os anarquistas no movimento operário”, que deixa claro o caráter reaglutinador do evento:

[...] acabam de provar os anarquistas do Rio Grande do Sul, demonstrando com sua reunião o interesse de cortar idéias e unificar-se apesar das perseguições e injustiças sofridas nos últimos tempos. (O SINDICALISTA, fev. 1927).

Tudo indica que, estando o movimento fragmentado, e sentindo o avanço dos comunistas, sindicalistas e outros libertários decidiram reunir-se para discutir as saídas para o movimento. Esta data coincide com um certo decréscimo da repressão nacional e com a soltura de várias lideranças anarquistas, além da acentuação da ameaça representada pelo trabalho comunista nas bases do movimento operário.

Nesta reunião preparatória, inclusive, discutiu-se uma carta de Grecco, delegado da Federação de Operários Livres de Porto Alegre, tratando de reorganização e ideologia, terminando por reafirmar-se a deliberação do 3º Congresso sobre a adesão à Associação Internacional dos Trabalhadores. A reunião foi marcada para tratar da reafirmação do ideário anarquista e de questões de organização interna, nova estruturação, imprensa e relações internacionais. Pode-se considerar que, ao fazer isso, ela estava recolocando as bases necessárias para tentar barrar o avanço comunista sobre o movimento, como queria Kniestedt.

As outras sessões trataram dos temas: a Questão econômica da Federação Operária do Rio Grande do Sul; O Sindicalista; Comitês pró presos; Correspondência Internacional e Conferência Sul Americana.

Na realidade, o primeiro tema dizia respeito à proposta de transferência da sede da Federação Operária de Porto Alegre para Bagé, o que foi aceito por unanimidade de votos, com os protestos do já citado Manuel Gonçalves, o qual considerava um absurdo a interiorização da Federação e reclamou até o final, em vão. Os defensores da mudança argumentaram que era uma questão de tática mudar a sede para o local que estivesse em melhores condições de cumprir sua missão. Na verdade, a proposta fora trazida por Kniestedt e, provavelmente, dizia respeito ao que ele chamava de providências para fazer frente ao avanço dos comunistas. Lamotte propôs que fosse Bagé, pois aquela cidade concentraria, naquele momento, a maioria dos militantes; e como responsáveis por sua gestão foram escolhidos Reduzindo Colmenero, lá radicado, para secretário, e Antonio Piza, de Porto Alegre, para tesoureiro. Provavelmente Piza não se mudara para Bagé, o que talvez não fosse absolutamente necessário para quem administrasse as precárias finanças da entidade. Em última instância, isso significa que a Federação passou a ser dirigida por uma só pessoa, Reduzindo Colmenero, o que talvez não tenha se constituído na melhor escolha.

Se, por um lado, era imperativo que a direção fosse de Bagé, pois o movimento não poderia arcar com o sustento de alguém de outra cidade, a indicação de Reduzindo para assumir a direção deve ter trazido sérios problemas à FORGS, pois este militante era, segundo descrição do próprio Rodrigues, em sua biografia, “demasiadamente rígido quanto ao anarquismo, afugentava dos meios operários quem não fosse anarquista” (RODRIGUES, 1988, p.111). Outra questão é que era estrangeiro, de nacionalidade espanhola e este fato trouxe críticas.

Sabe-se que a atuação da FORGS deve ter deixado muito a desejar, porque o Quarto Congresso decidiu a volta imediata da Federação a Porto Alegre. Na realidade, pelo pouco que o relato financeiro de 1928 permite saber, a FORGS não teve atividade sindical, nem recebeu contribuições financeiras durante todo o período em Bagé. O secretário argumentou que estava muito envolvido com as lutas por Sacco e Vanzetti para tratar da Federação, o que significa que o espaço político no Estado, e principalmente em Porto Alegre, ficou aberto para outras propostas pelo prazo de um ano, exatamente no período mais crítico, em que os comunistas passaram a investir mais pesadamente no Estado.

A sustentação de *O Sindicalista* foi prevista por meio da criação de grupos locais de apoio, mas ele continuaria a ser editado em Porto Alegre. Os libertários sensibilizaram-se com a importância da manutenção do jornal e dispuseram-se a auxiliar. Contudo, soube-se por reclamação de Kniestedt e Grecco, seus dois responsáveis, que as deliberações

referentes ao jornal não foram incrementadas meses depois (RELEMBRANDO..., nº3, 03/1927).

O Comitê de Presos Políticos teve aprovada sua transferência para Pelotas, ficando como secretário do mesmo João Colmo e tesoureiro João Martins. Quanto às relações internacionais, resolveu-se que, estando constituído um Comitê Internacional de Correspondências, não haveria mais necessidade de um secretário internacional. Houve discussão a respeito de uma carta de Abad de Santillán de Buenos Aires, que enfatizava a necessidade da representação direta dos companheiros brasileiros na Conferência Sul Americana. Para satisfazer esta demanda, designou-se Grecco como delegado, mas desistiram do envio na própria reunião, devido aos altos custos da viagem, o que também auxilia a montar o quadro de sua precária situação financeira e política.

Ao final, Kniestedt avaliou a reunião como importante e propôs que ela deliberasse sobre a realização de um Congresso no mês de outubro daquele ano, o que foi aprovado, embora coubesse à Federação Estadual estudar a conveniência de datas. Para os historiadores, pode-se dizer que ela também foi importante, mas por dar a dimensão exata da fragilidade da organização sindicalista no estado no momento. Há, praticamente, uma desistência do trabalho em Porto Alegre, com a FORGS sendo transferida para Bagé e o Comitê Pró Presos ficando sob a responsabilidade de Pelotas. Porto Alegre só manteve o jornal, muito provavelmente porque este era incumbência direta de Kniestedt, que confessou, em suas memórias, levá-lo adiante praticamente sozinho¹⁴.

O Congresso de 1928

O *Sindicalista* de 15 de novembro de 1927 conseguiu a proeza de trazer duas convocatórias para o Congresso, ambas assinadas por Colmenero. A primeira o convocava para o dia 1º de janeiro de 1928, em Pelotas, enfatizando a necessidade de as entidades se fazerem representar, devido à proposta de criação da Federação Operária Regional Brasileira, a ser discutida no Congresso.

Contudo, *no mesmo nº* e sob o tópico Vida Social, tem-se outra circular, aparentemente anterior e que informa que o Congresso fora transferido de 13 de outubro para 11 de novembro, em Pelotas. Esta primeira convocatória possuía ambições maiores e estava endereçada "*As organizações operárias do estado e do país e as organizações libertárias*" e informava que a transferência foi feita devido à secretaria estar muito ocupada, tratando da campanha Sacco-Vanzetti e concluía:

A este certame seria de suma necessidade que comparecessem delegados de todo o país para ver se seria possível a formação ou fundação da

Federação Operária Regional Brasileira. Com especialidade os camaradas de São Paulo, R. Janeiro, Pará e onde existam organizações de tendências libertárias, não deviam faltar. Este Congresso deve ser o início de uma jornada para a organização do proletariado estadual e nacional. (CIRCULAR..., nº7, 15/11/1927).

Houve representantes de outros locais, embora em número bem menor do que aquele apontado por Rodrigues, segundo o qual:

Participaram delegados de 16 entidades operárias, 2 jornais, 6 agrupações anarquistas e diversos trabalhadores de S. Paulo, que nos anos de 1926/27 andavam fugidos pelo Sul, inclusive Florentino de Carvalho e Domingos Passos que se havia evadido do Oiapoque. Estiveram presentes também delegados do Uruguai, Paraguai e Argentina. O Congresso durou 2 dias e realizou 3 sessões. (RODRIGUES, 1979, p.206).

Nenhuma documentação conhecida até agora, e nem sequer o relatório de Domingos Passos confirmou essa extraordinária participação. Delegados de outros países não são citados em nenhuma outra fonte e nem por ele mesmo em seu livro anterior, *Alvorada Operária*. Quanto à participação de outros Estados, parece ter ficado resumida à figura de Domingos Passos que, sozinho, representava quatro associações sindicais e, provavelmente, dois grupos libertários.

A presença de Domingos Passos não foi acidental ou fortuita. Mesmo considerando a hipótese da sua fuga para o Sul, como queria Rodrigues, alguns dados induzem a pensar que ele veio especificamente para participar do Congresso: 1º) ele fora nomeado secretário excursionista na Comissão Executiva do Terceiro Congresso de 1920; 2º) até meados do ano, Passos estava liderando o processo de reorganização das bases anarquistas, buscando reorganizar a Federação Operária de São Paulo e sendo elemento-chave no confronto com os comunistas, que até iniciaram campanha de calúnias contra ele; 3º) a convocatória da FORGS falava na criação da Federação Operária Regional Brasileira e pedia a participação de militantes de outros Estados; 4º) os anarquistas de São Paulo cogitavam em mandar um delegado à Conferência Latina Americana de Buenos Aires, em 1º de maio de 1927. O delegado seria ele e isso só não se concretizou pela falta de recursos monetários dos quatro centros libertários ainda organizados na época: São Paulo, Rio de Janeiro, Pará e Rio Grande do Sul. Os três primeiros seriam justamente os centros que ele representaria no Congresso de 1928. Ou seja, Domingos Passos era um elemento vital na organização anarquista brasileira, atuou em 1927 em São Paulo e para lá retornou imediatamente após o Congresso. Por outro lado, não há nenhuma outra notícia de sua atuação aqui no Sul fora do Congresso (exceto algumas reuniões no sindicato dos

estivadores pelotenses), o que difere, em muito, da situação de Florentino de Carvalho, que teve larga atuação em sua estada no Sul naquela década.

A partir daqui, seguir-se-á a narração de Domingos Passos¹⁵ tal como consta no livro *Alvorada Operária* (1979). Segundo ele, os trabalhos iniciaram com a chegada da delegação de Porto Alegre, dia 2 e o Congresso durou dois dias. Houve representação da:

Federação Local de Porto Alegre; Trabalhadores de São Paulo; Federação da C.T. do Pará; Sindicato de Canteiros de Santos; Liga Operária de Pelotas; Sindicato de Ofícios Vários de Vila Petrópolis; União Geral dos Trabalhadores de Bagé; União Geral dos Trabalhadores de Uruguaiana; Sindicato dos Canteiros de Porto Alegre; União Operária Beneficente de Cacequi; União Operária Beneficente de Alegrete; Liga Operária Internacional Poços de Caldas; Sindicatos dos Canteiros de Capão do Leão, entre outros.

Fizeram-se representar também: Grupo Libertário de São Paulo; Grupo Cultural Livre Pensamento; Grupo Braço e Cérebro; Grupo de Propaganda Social do Pará; Grupo de propaganda Social de Pelotas; Grupo Germinal de Rio Grande. (RODRIGUES, 1979, p.72)¹⁶.

Como delegados representantes foi possível identificar: Florentino de Carvalho (Porto Alegre), Domingos Passos (Pará, Santos, Rio de Janeiro e São Paulo), Pinto (Uruguaiana), Reduzindo Colmenero (Bagé), João Martins (construção civil Pelotas), João Francisco (estivadores Pelotas), Deontino (canteiros Capão do Leão). Notícias de jornal diziam que havia também representantes de Rio Grande, São Gabriel e Tristeza (bairro de Porto Alegre). Ao iniciar os trabalhos, aprovaram que os delegados de grupos de pensamento tivessem voz e voto no Congresso e se aumentasse o número de representantes. Houve o relato dos delegados das entidades sobre as condições do trabalho de militância e organização e a atuação em movimentos durante aquele período.

No debate sobre a organização, explicitaram-se as divergências entre sindicalistas e anarquistas, com predomínio destes, o que levou cerca de três sessões de quatro horas para chegarem a uma posição, devido ao caráter polêmico, pois compreendia que se criasse nova forma de organização e que “as associações perdessem por completo o seu caráter retintamente sindicalista, abandonando a sua norma de combate ao patronato pelas conquistas imediatas” (PASSOS apud RODRIGUES, 1979, p.73-74). O predomínio das visões que propunham o abandono do sindicalismo por nefasto ao movimento revolucionário, exemplificando com críticas presentes e passadas a organização sindical, foi majoritário na reunião e incluía os militantes mais antigos e com domínio teórico do assunto, como Florentino de Carvalho e Reduzindo Colmenero¹⁷.

O ataque começou com a intervenção de Pinto, delegado por Uruguaiana, e relator do Congresso. Esse militante fez críticas mais contundentes do que qualquer outro, mesmo porque Reduzindo, após criticar as organizações francesa e espanhola, além da Argentina

U.S.A., elogiou a Federação Operária Regional Argentina. Mas Pinto fez questão de proclamar que as duas organizações argentinas não cumpriam com sua “missão histórica, por culpa exclusiva da doutrina sindicalista”, pois tinham bons militantes anarquistas. Fez uma crítica severa da atuação dos sindicatos no estado gaúcho e afirmou “é preciso que nossas palavras encontrem eco no coração do povo e não se assemelhem a ordens ou lições”, fazendo eco às críticas surgidas nos relatórios das entidades, nas quais os anarquistas, dentro dos sindicatos, eram considerados “estranhos, superiores ou messias”. Um pouco confusamente declarou que “as organizações que pretende [formar] não são sindicalistas nem anarquistas e que tão pouco pretende a organização de grandes massas”, para, logo a seguir, concordar com a opinião de que “os anarquistas formem agrupações suas e que, depois destas formadas, procurem arrastar a elas todos os homens, indistintamente” (PASSOS apud RODRIGUES, 1979, p.76).

Coerentemente com esta proposta, ao início do segundo dia dos trabalhos¹⁸ propôs-se a organização de Associações Proletárias locais, abertas a todos os proletários manuais e intelectuais em conjunto. Essas Associações locais congregar-se-iam em Federações Proletárias Regionais, as quais formariam a Confederação Proletária Brasileira.

A única voz que se levantou insistentemente contra essa proposta foi a de Domingos Passos “que procurava demonstrar a todo o transe que qualquer profunda transformação na estrutura orgânica das associações operárias poderia atirar todas as associações nas mãos dos nossos inimigos” (RODRIGUES, 1979, p.77). Sem dúvida, a posição de Domingos era correta, pois, implementada, essa resolução representaria a retirada dos militantes libertários do movimento sindical, deixando o campo livre para os comunistas atuarem, como de fato ocorreu.

Apesar de seus esforços, ela foi aprovada, o que provavelmente já representava uma tendência em curso. Primeiro porque há que se considerar que a crise da frente sindical do trabalho libertário já vinha se constituindo há um bom tempo, o que pode ser avaliado por meio da quantidade de militantes ácratas, que nessa década estavam investindo na construção de grupos de pensamento ou em publicações, deixando o trabalho sindical. Tudo indica, portanto, que essas ideias já vinham sendo debatidas no seio do movimento, apenas agora se consolidando em forma de uma proposição congressual. As mesmas críticas feitas por Florentino no Congresso, referentes ao economicismo da luta sindical, foram depois enumeradas pelo colunista de *A Luta*, jornal da corrente em Porto Alegre, em seu número de setembro de 1928¹⁹. Elas provavelmente refletiam o fortalecimento desta tendência no movimento real, pois a maioria dos próprios militantes sindicais de Porto Alegre não compareceu ao encontro. Kniestedt não esteve presente (suas memórias só citam o encontro preparatório de 1927) e o mesmo parece ter acontecido com Francisco Grecco e Antonio Piza, para citar apenas aqueles que estavam na reunião de 1927. Florentino de

Carvalho, singularmente e pela primeira vez num congresso, foi quem representou Porto Alegre.

Para quem estuda o movimento anarquista porto-alegrense, é impressionante observar seu rápido declínio em termos de participação sindical naqueles anos, enquanto no interior, talvez por falta de concorrência de outras propostas, ou por situações especiais, como o fato de possuírem prédio próprio – caso de Uruguaiana e Pelotas – conseguiu manter um pouco de sua atuação. Mas os militantes de Pelotas, por exemplo, não tinham capacidade teórica para enfrentar os pesos pesados que se digladiaram ao redor das proposições do congresso. E Uruguaiana estava representada justamente por Colmenero e por Pinto, outro que só se fez presente neste congresso²⁰.

Em segundo lugar, essa proposta de nucleação em associações proletárias locais também era coerente com a ideia de que não deveria haver nenhuma relação dos sindicatos com as correntes políticas. O problema é que o que estava em jogo não era a situação dos sindicatos, mas sim o grau de atividade dos militantes libertários dentro deles.

Após esta deliberação, discutiram-se os critérios de contribuição financeira dos filiados e a volta da Federação Estadual para Porto Alegre. No terceiro ponto, foi discutida a reorganização da Confederação Operária Brasileira (COB). Nessa questão, Domingos teve maior sucesso, pois habilmente conseguiu que, no próximo congresso – a ser organizado por um comitê de reorganização da COB, composto dos camaradas do sul, de São Paulo, do Rio e do Pará –, fosse discutida a questão da forma de organização nacional. Trataria o Comitê também da reedição de *A Voz do Trabalhador*. E, para estas tarefas, foi Domingos o escolhido, como representante do Rio Grande do Sul no comitê.

Analisando as conclusões, vê-se que Domingos conseguiu, na parte nacional, amenizar os estragos causados pela decisão aprovada sobre a nova estrutura organizativa, pois a comissão de reorganização nacional, se funcionasse, estaria baseada nos mesmos moldes e princípios do 3º COB, remetendo-se ao futuro Congresso as decisões sobre os rumos que seguiria. Pouco depois da volta de Domingos Passos a São Paulo, ele foi preso e, a seguir, abandonou a militância; dessa forma, nada foi feito.

Os resultados do congresso, não por acaso, foram estampados nos dois jornais de oposição ao PRR da cidade e informaram que a reunião continuou após seu encerramento, tratando de assuntos específicos da organização libertária, especialmente a questão cultural:

Terminados os trabalhos do Congresso, teve início uma conferência dos elementos libertários, os quais trocaram ideias sobre o desenvolvimento da cultura libertária, tendo sido tomadas deliberações de ordem a intensificar eficientemente a cultura e educação social das classes populares.

Na sessão de encerramento, falaram vários oradores, salientando todos, o valor das modernas doutrinas sociais da filosofia libertária, que devem trazer

à humanidade novos dias de bem estar e felicidade, determinando o estabelecimento insofismável da igualdade, da justiça e da civilização. (4º CONGRESSO..., 05/01/1928, p.2).

Conclusão

No Rio Grande do Sul, a reorientação do trabalho parece ter dado alguns frutos, com os grupos libertários lançando pelo menos três jornais em 1929. Quanto ao trabalho sindical, as associações, sob influência sindicalista já estabelecida, continuaram se mantendo após o Congresso, como foi o caso de Pelotas e Rio Grande. Contudo, pode-se pensar que houve um certo componente inercial neste fato, pois não surgiram novas frentes de trabalho em sindicatos e também não se revigorou nem houve uma reconquista de espaços em regiões que sofriam influência de outras correntes. Pode-se argumentar que isso ocorreu também como consequência natural, ou seja, que mesmo sem as resoluções do IV Congresso, o tempo dos anarquistas no movimento sindical já havia passado. Este entendimento é possível, mas não responde a questão de por que os sindicalistas comprometidos com as propostas anarquistas ainda estariam na ativa na década seguinte, em São Paulo, enquanto no Sul, local em que encontraram solo mais favorável nos anos 20, não conseguiram se manter na década de 1930.

Talvez a repressão forte que sofreram em outros Estados os auxiliasse a manter a ideia de que sua proposta ainda teria poder de concorrência frente às demais, caso a repressão não se manifestasse. Se analisada a trajetória da corrente no sul, todavia, vê-se que ela apresentou sinais de declínio constante, mesmo em locais em que foi menos reprimida, como Pelotas, por exemplo. A experiência gaúcha demonstra que eles foram sofrendo um progressivo encolhimento no trabalho sindical, ao mesmo tempo que o processo de reavaliação de suas atividades passadas os encaminhava para as atividades culturais e educacionais e a atuação de outras correntes diminuía seu espaço no meio operário.

Recebido em 5/6/2011

Aprovado em 24/8/2011

NOTAS

¹ Ata 1125 de 06/01/27 e ata 1126 e 18/01/1927 da diretoria da Sociedade União Operária de Rio Grande.

² “No campo de morte lenta do Oiapoque, perderam a vida dezenas e dezenas de prisioneiros de todas as condições políticas e sociais (menos bolchevistas, esclareça-se) sendo dos primeiros a ganhar ali sepulturas, algumas das mais ilustres figuras do anarquismo no Brasil. Até hoje ainda não se precisou o número exato de deportados, nem de mortos. Parece ser um segredo de todos os governos e de todas as autoridades. Para um repórter da revista *Coletânea* de julho de 1959, afirmava [sic] que teriam passado pelo Oiapoque cerca de 1.500 deportados, militantes das revoluções de 5 de julho de 1922 e 1924, militantes anarco-sindicalistas e alguns presos, delinquentes comuns...” (RODRIGUES, s.d., p. 241).

³ Sobre os congressos, ver Petersen e Lucas (1992) e Rodrigues (1979).

⁴ As necessidades de segurança levaram D. Passos a não expor os nomes dos delegados, exceto aqueles que se sobressaíram nas discussões do Congresso. Os jornais pelotenses também não detalharam seus participantes, a não ser em termos das localidades representadas (RODRIGUES, 1979, p.72 e 73; A OPINIÃO PÚBLICA, 05/01/1928).

⁵ Encontra-se a denominação “livre” e “libertária”, sendo usadas pelo jornal pelotense do PRR, *Diário Popular*, como um meio depreciativo de referir-se aos libertadores.

⁶ Cidário Pinheiro de Lemos foi secretário geral da UGT de Rio Grande, durante os anos de 1918 e 1919 e continuou atuando ativamente no movimento na década de 20. Em 1923, aparece como membro do Comitê Operário Libertador em Rio Grande. Em 1924, será presidente do Partido Trabalhista Independente de Rio Grande, de breve expressão. Posteriormente, será colaborador do jornal *A Opinião Pública* de Pelotas.

⁷ *A Opinião Pública* costumava ser arrendado para grupos ou indivíduos que tivessem interesse em divulgar suas ideias, valendo-se para tanto de um veículo tradicional e consolidado na cidade de Pelotas. Até maio de 1924, ele estava em poder da Aliança Libertadora.

⁸ Em Bagé, participaram do comício final da greve, os anarquistas Sebastião Lamotte e Dorval Lamotte (A OPINIÃO PÚBLICA, 06/06/1929).

⁹ São arroladas como filiadas à AIT no Brasil, as seguintes associações: União Geral de Trabalhadores de Uruguaiana - rua 7 de setembro, 67; Federação Obreira local de Bagé - rua Mal. Floriano, 65; Federação Obrera Local de Rio de Janeiro - Praça da República 56, 2º andar; Federação Obreira local de Pelotas -15 de novembro 757; Sindicato de Canteiros de Capão do Leão. Por sua vez, as entidades de outros países filiados eram: Federacion Obrera Regional Argentina, Buenos Aires; Centro Obrero Regional del Paraguay, Assuncion; Federacion Obrera local de La Paz, La Paz, Bolívia; Confederacion General de Trabajadores del México, México DF; Comitê pró Accion Sindical de Guatemala (Centro America); Federacion Obrero Regional Uruguay, Montevideo; e os grupos: Agrupacion La Protesta, de Lima, Peru e Agrupacion Obrera de Estudios Sociales “Hacia La Libertad” de San José de Costa Rica. (DIÁRIO LIBERAL, 05/08/1933)

¹⁰ SSA da Internacional Comunista - El movimiento revolucionario latinoamericano. Versiones de la primera Conferência Comunista Latino Americana, junho de 1929, Buenos Aires (*apud* PARIS, 1997, p. 09-31).

¹¹ A respeito, ver depoimento de Plínio Mello, principal dirigente do PCB no Estado, em *Teoria e debate*, 1989, p.32.

¹² Por motivos de segurança, os relatos evitavam trazer o local e a data da realização dos encontros. Entretanto, neste mesmo número e no posterior, de março, outras notícias informam estes dados.

¹³ Além de Gonçalves, citado nominalmente, estava na cidade naquele momento o ex-militante Antonio Guedes Coutinho, socialista, mas que tinha ótimas relações com os anarquistas no seu tempo de militante da SUO, compartilhando várias de suas ideias. Seu nome consta da lista de hóspedes do Hotel Gotuzzo dia 08/01/1927 tal como publicado em *A Opinião Pública*. Por falta de dados, só pode considerar-se uma coincidência sua presença na cidade, mas não deixa de levantar dúvidas os motivos de sua estadia exatamente naqueles dias.

¹⁴ “Eu organizara mais uma vez O Sindicalista, órgão da Federação Operária, pela terceira e última vez. Cada vez que eu o colocava em ordem e o entregava a uma comissão, apareciam apenas dois ou três números e a história acabava...” (GERTZ, 1989, p. 142).

¹⁵ Domingos Passos foi um dos poucos militantes que conseguiu sobreviver ao degredo na Clevelândia e fugir de lá pela mata. É figura de destaque entre os anarquistas de São Paulo, tentando reorganizar o movimento nos anos de 1926 e 1927. Posteriormente, vem ao Rio Grande do Sul e outros Estados, tentando escapar da repressão. Entretanto, ela consegue alcançá-lo em São Paulo, em fins de 1928, sendo ele encerrado num dos famosos cubículos de detenção do Cambuci, uma espécie de cofre pintado de breu por dentro, com canos por onde jorrava água, em intervalos ocasionais, ficando preso cerca de três meses. Depois foi abandonado na periferia, com o corpo coberto de chagas e as roupas em trapos. Foi então que decidiu parar, retraindo-se à vida privada.

Notícias retiradas de *Memórias manuscritas de Pedro Catalo*, citadas por Edgar Rodrigues em *Novos Rumos* (p. 278 e seguintes) e Dulles (1977, p. 261).

¹⁶ No relato de Domingos não aparece nenhuma representação de delegados do Rio. Esta representação, contudo, está presente nas notícias posteriores ao encerramento do Congresso, o que indica que a delegação chegou posteriormente. Sobre isso, notícia do *Opinião Pública* de 30/12/1927, ao anunciar o Congresso e nomear as associações que se fariam representar, dizia faltar ainda a adesão do Rio de Janeiro. Era frequente a delegação ocorrer por meio do envio de um ofício, nomeando uma pessoa presente ao encontro como representante da associação, embora às vezes não houvesse um maior relacionamento entre o representante e a associação representada.

¹⁷ Não se dispõe dos nomes de todos os participantes, atendo-se, portanto, apenas a quem fez intervenções na reunião, mas, pelo exposto, essa parte da discussão foi dominada por eles e Pinto, e apenas Domingos Passos ousou desafiá-los.

¹⁸ Há um engano de Domingos em seu relato, pois ele diz que a 4ª reunião iniciou-se dia 2, terça-feira. Terça-feira foi dia 3, e ele próprio já havia falado que o Congresso só teve início com a chegada da delegação de Porto Alegre, dia 2.

¹⁹ *A Luta*, setembro de 1928, p.4 (*apud* PEIXOTO, 2006, p. 86).

²⁰ Provavelmente pseudônimo, pois não mais encontrado em qualquer referência a militantes ácratas, não só no Estado, mas também no centro do país. Em um de seus pronunciamentos, disse ter militado por muito tempo na Argentina, então se pode pensar que estivesse em Uruguiana naquele momento escondendo-se da repressão e daí o motivo para o uso de pseudônimo. Poderia ser, também, um dos tantos deportados para o exterior ou o Olapoque e que terminaram voltando para o movimento, mas ainda tinham temor em ser reconhecidos e novamente encarcerados.

REFERÊNCIAS

- CARONE, Edgar. *Movimento Operário no Brasil (1877-1944)*. São Paulo: Difel, 1984. 486 p.
- PAREDE operária no Rio Grande. *DIÁRIO POPULAR*, Pelotas, 01/05/1924, ano XXXV, n. 101, p.1.
- ECOS da prisão dos anarquistas. *DIÁRIO LIBERAL*, Pelotas, 05/08/1933, ano I, n. 176, p. 4.
- GERTZ, Renê (Ed.). *Memórias de um imigrante anarquista* (Friedrich Kniestedt). Porto Alegre: EST, 1989. 167 p.
- GOMES, Ângela. *A invenção do Trabalhismo*, Rio de Janeiro: Vértice/Iuperj, 1988. 343 p.
- HOBSBAWM, Eric. *Mundos do trabalho*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 447 p.
- LONER, Beatriz. *Construção de classe: operários de Pelotas e Rio Grande*. Pelotas: Ed. UFPel, 2001.
- _____. O canto da sereia: os operários gaúchos e a oposição na República Velha. *História-Unisinos*, São Leopoldo, v.6, n.6, p. 97-126, 2002.
- COLUNA: A “OPINIÃO” do operariado. *A OPINIÃO PÚBLICA*, Pelotas, 06/06/1929, ano XXXIV, nº 27, p.1.
- COLUNA: A “OPINIÃO” do operariado. *A OPINIÃO PÚBLICA*, Pelotas, 11, 21, 23 de maio e 1 e 29 de junho de 1929, ano XXXIV, nº 6, 13, 15, 23 e 29, p.1.
- CONGRESSO Operário. *A OPINIÃO PÚBLICA*, Pelotas, 03/01/1928, ano XXXII, nº 201, p.3.
- 4º CONGRESSO Operário do Rio Grande do Sul. *A OPINIÃO PÚBLICA*, Pelotas, 05/01/1928, ano XXXII, nº 203, p.2.

FUNDAÇÃO de um centro político. *A OPINIÃO PÚBLICA*, Pelotas, 08/02/1924, ano, XXVIII, n. 33, p.1.

OPERÁRIOS despedidos..... *A OPINIÃO PÚBLICA*, Pelotas, 12/04/1924, ano XXVIII, nº 87, p.1.

UM PLANO do borgismo. *A OPINIÃO PÚBLICA*, Pelotas, 15/03/1929, ano XXVIII, nº 63, p.2.

COLUNA: A “OPINIÃO” do operariado. *A OPINIÃO PÚBLICA*, Pelotas, ano XXXIV, nº 141, 22/10/1929, p. 4.

AINDA sem solução a greve dos estivadores. *A OPINIÃO PÚBLICA*, Pelotas, 21/11/1929, ano XXXIV, nº 164, p.4.

PRIMEIRA circular convocatória. O SINDICALISTA, Porto Alegre, jornal da Federação Operária do Rio Grande do Sul, de 15/11/1927, n. 7, ano VIII.

CIRCULAR às organizações operárias do estado e do país e as organizações libertárias. O SINDICALISTA, Porto Alegre, jornal da Federação Operária do Rio Grande do Sul, de 15/11/1927, n.7, ano VIII.

SESSÃO Preparatória dos trabalhos dos delegados componentes da FORGS. O SINDICALISTA, jornal da Federação Operária do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 02/1927 ano VIII, nº 2, ano VIII.

RELEMBRANDO. O SINDICALISTA, jornal da Federação Operária do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 03/1927, ano VIII, nº3. ano VIII.

PARIS, Roberto. Biografia e "perfil" do Movimento Operário. *Revista Brasileira de História*, ANPUH, vol.17, nº33, p. 9-31, 1997.

PEIXOTO, Artur. *Da organização à frente única: a repercussão do Partido Comunista do Brasil no movimento operário gaúcho (1927-1930)*. 2006. 258 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

PETERSEN, Silvia. O Anarquismo no Rio Grande do Sul na Primeira República. *Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas*, UFRGS, Porto Alegre, v. 15, 1991/1992, p.127-147.

PETERSEN, Silvia; LUCAS, M^a Elisabeth. *Antologia do movimento operário gaúcho 1870-1937*. Porto Alegre: Tchê/ed. UFRGS, 1992. 488 p.

RODRIGUES, Edgar. *Novos Rumos*. Rio de Janeiro: Mundo Livre, s.d. 478 p.

_____. *Os libertários: idéias e experiências anárquicas*. Vozes: Petrópolis, 1988. 217 p.

_____. *Alvorada Operária*. Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1979.

SANTILLAN, Diego Abbad de. LA FORA ideologia y trayectoria del movimiento obrero revolucionário em La Argentina. Buenos Aires: Livro de Anarres, 2005. 302 p.

TOLEDO, Edilene. *Anarquismo e sindicalismo revolucionário*. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

WALT, Lucien Van der; SCHMIDT, Michael. *Black Flame*. The revolutionary class politics of anarchism and Syndicalism. Edimburgh: AK Press, 2009.